

# Coragem que encontra proteção



» CELINA LEÃO  
Vice-governadora do Distrito Federal

O Brasil convive há décadas com números que escancaram a dimensão da violência que atinge mulheres de todas as idades e realidades. Celebrar os 20 anos do serviço 180 é reconhecer que ele se tornou um instrumento indispensável para romper o silêncio, abrir caminhos de proteção e oferecer acolhimento imediato. Mais do que um canal de denúncias, ele é a porta pela qual milhares de mulheres iniciam o difícil movimento de recuperar dignidade, segurança e esperança. Ele nasce como gesto de coragem e exige do Estado uma resposta que esteja à altura dessa confiança.

Em duas décadas, o 180 ultrapassou 16 milhões de atendimentos e segue como eixo da política nacional de enfrentamento da violência de gênero. Entre janeiro e outubro de 2025, foram registrados mais de 877 mil atendimentos, com média diária de 3 mil mulheres buscando orientação, proteção ou uma saída urgente. As denúncias cresceram 33% e o Estado identifica esse aumento como sinal claro de confiança, e não de agravamento da violência. A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, realizada pelo DataSenado, mostra que 58% das vítimas convivem com agressões há mais de um ano e

que 71% das violências são presenciadas por outras pessoas, muitas vezes filhos que crescem inseridos em ciclos de medo. A violência psicológica tornou-se a mais comum e 88 das entrevistadas afirmam ter vivido esse tipo de agressão. Apesar da gravidade, apenas 11% acionaram o 180 e somente 28% procuraram uma delegacia, o que revela a distância que ainda separa a mulher da rede de proteção.

O serviço 180 funciona todos os dias em qualquer horário, com atendimento feito por mulheres e acolhimento sigiloso que pode ser acionado por vítimas ou por terceiros. Ele utiliza recursos que aproximam a vítima da rede de apoio local e transforma preocupação em ação concreta. Mas, para que as estatísticas deixem de ser retratos de uma dor que se repete, é indispensável que cada atendimento resulte em proteção real, com segurança, rapidez, sensibilidade e articulação entre instituições. É isso que dá sentido ao serviço. A denúncia precisa encontrar resposta.

No Distrito Federal, temos trabalhado para que essa resposta exista rapidamente. A rede local integra segurança pública, assistência social, saúde, abrigamento, medidas protetivas e ações educativas para romper ciclos de violência. Como vice-governadora, atuo para fortalecer políticas que garantam acolhimento imediato, qualificação de equipes, modernização de fluxos e ampliação de programas que protegem vidas. A violência contra a mulher não será superada apenas com punição, pois exige prevenção, informação, autonomia e transformação cultural capaz de reconstruir comportamentos e mentalidades.

Os números revelam desigualdades profundas, mas revelam também a coragem das mulheres que, mesmo feridas, buscam apoio. Essa busca precisa encontrar Estado forte, instituições presentes e sociedade consciente de seu papel. Não podemos aceitar que tantas mulheres sofram isoladas, nem permitir que tantas crianças cresçam testemunhando agressões que destroem lares e se perpetuam por gerações. A violência contra a mulher é um crime que atravessa familiares, comunidades, escolas, locais de trabalho, e exige ação conjunta.

A proteção das mulheres depende de cada um de nós. Peço que cada pessoa divulgue o serviço 180, acolha quem precisa, incentive a denúncia, reconheça sinais de risco e compreenda que omissão também produz violência. Quando uma mulher pede ajuda, toda a sociedade é chamada a responder, e cada resposta pode significar a diferença entre vida e morte.

Registrar os 20 anos do serviço 180 é assumir, com firmeza, que o Brasil não pode naturalizar a violência que atinge mulheres todos os dias, mas também é reafirmar que existe caminho, proteção e resposta. Que nenhuma mulher será deixada para trás, que nenhuma denúncia será ignorada, que nenhuma vida será tratada como estatística. Esse é um compromisso que atravessa governos, instituições, lideranças, comunidades e famílias. Que o poder público siga avançando com coragem, que a rede de proteção siga se fortalecendo e que cada mulher encontre a certeza de que não está sozinha. Seguiremos avançando, porque cada vida protegida é uma vitória coletiva e cada denúncia atendida é uma chance real de recomeço.



## Meio século de transformações na prática médica



» DAVID UIP  
Médico, infectologista, reitor do Centro Universitário FMABC, membro titular da Academia de Medicina de São Paulo

Há meio século, a medicina era um ofício muito mais artesanal, ancorado na escuta e no toque. O Brasil ainda não contava com o Sistema Único de Saúde (SUS), que mais tarde se tornaria um marco de inclusão e acesso. Hoje, tornou-se também ciência de precisão, sustentada por imagens, algoritmos e moléculas desenhadas sob medida. Nesse intervalo, assisti — e vivi — a uma sucessão de revoluções que transformaram não apenas a forma como cuidamos, mas também as perspectivas de vida de milhões de pessoas.

Lembro-me de como a chegada da tomografia computadorizada e, mais tarde, da ressonância magnética, ampliou os horizontes do diagnóstico. Quando iniciei, contávamos basicamente com radiografias e, no máximo, tomografias iniciais. Hoje, dispomos de PET-CT, ressonância magnética funcional e exames de altíssima resolução, capazes de identificar doenças em estágios precoces e tratá-los. O mesmo aconteceu com a genética: de uma

disciplina quase teórica, ela se tornou protagonista. Em 2003, o sequenciamento do genoma humano abriu caminho para a medicina personalizada, permitindo identificar genes ligados a doenças e, muitas vezes, agir antes mesmo dos primeiros sintomas.

A cirurgia seguiu trajetória semelhante. Técnicas minimamente invasivas, antes inimagináveis, tornaram-se rotina. A laparoscopia e a cirurgia robótica reduziram riscos e aceleraram recuperações. Transplantes antes impensáveis — de coração, rim, fígado, mãos e múltiplos órgãos — hoje já são realidade. Na oncologia, a imunoterapia e as terapias alvo-moleculares revolucionaram o tratamento, e a terapia gênica começa a corrigir defeitos que, até pouco tempo atrás, carregávamos por toda a vida.

Mas não foram apenas os grandes marcos tecnológicos que marcaram essa jornada. A medicina também se humanizou: o cuidado passou a envolver não só prolongar a vida, mas garantir qualidade, dignidade e acolhimento. Cuidados paliativos, antes tabu, tornaram-se parte essencial da prática médica.

Na infectologia, as mudanças também foram profundas. O enfrentamento do HIV/Aids, o avanço das vacinas — já entre os maiores instrumentos de saúde pública —, a descoberta de antivirais potentes e, mais recentemente, a mobilização global contra a covid-19 mostraram o poder da ciência quando sociedade, médicos e pesquisadores caminham juntos. A rapidez com que vacinas de RNA

mensageiro foram desenvolvidas é, para mim, uma das maiores conquistas de nossa era.

Nos últimos anos, surgiram aliados poderosos: Big Data e inteligência artificial. Durante a covid-19, essas ferramentas ajudaram a prever picos de casos, analisar exames e orientar decisões rápidas. Paralelamente, terapias para doenças raras deixaram de ser um sonho distante para se tornarem realidade para milhares de pessoas.

Olho para trás e vejo um caminho de avanços impressionantes, mas também de novos desafios. A longevidade aumentou — a expectativa de vida do brasileiro, que era de cerca de 58 anos nos anos 1970, hoje ultrapassa os 76. Viver mais tempo exige uma medicina preparada para lidar com doenças crônicas, demências e os dilemas de um envelhecimento populacional acelerado. Eis o momento para o Brasil se tornar protagonista. Precisamos, por meio de parcerias público-privadas, investir em novos tratamentos e estratégias para enfrentar a grande epidemia que já está em curso: a multirresistência antimicrobiana. Se nada fizermos, milhares de vidas serão perdidas nos próximos anos.

Se há algo que aprendi nesses meus 50 anos de profissão é que a medicina nunca se acomoda. A cada conquista, surge uma nova fronteira; a cada cura, um novo enigma. E é justamente essa busca incessante que mantém vivo o espírito de quem escolheu dedicar a vida a cuidar da vida.

### Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Um mundo sem alma

Há algo de inquietante na hipótese, cada vez menos ficcional e mais tecnicamente palpável, de um mundo habitado apenas por máquinas e governado por sistemas de inteligência artificial capazes de operar em velocidade, precisão e autonomia superiores a qualquer capacidade humana conhecida. Um mundo no qual a natureza, tal como a concebemos, deixaria de ser um organismo vivo e surpreendente para se converter numa infraestrutura funcional, esvaziada de seu sentido primevo e desconectada do elemento que sempre lhe deu significado: a presença da vida consciente, dotada de interioridade, mistério e alma.

A ontologia de um planeta sem humanos não seria simplesmente a de um ambiente físico reorganizado, mas a de um cenário que perderia o próprio eixo do que chamamos de existência significativa, pois aquilo que confere densidade ao real não é apenas o que existe no espaço, mas quem é capaz de percebê-lo, interpretá-lo, sofrê-lo e amá-lo. Essa imagem distópica, que durante décadas foi confinada às páginas de romances futuristas e aos alertas de ficções científicas, começa a ganhar contornos mais nítidos justamente porque os maiores cientistas e pensadores tecnológicos do presente já não tratam tal possibilidade como um devaneio literário, mas como uma questão estratégica, ética e civilizacional.

A aceleração vertiginosa do desenvolvimento da inteligência artificial, somada à automação de setores inteiros da economia e à crescente substituição das capacidades humanas por algoritmos probabilísticos, parece criar uma curva histórica cuja inclinação lembra, em muitos aspectos. Mas a ruptura promovida pela Revolução Industrial, mas com a diferença fundamental de que, agora, a força motriz não é a ampliação das habilidades humanas, mas a sua possível obsolescência.

Esse debate não se restringe ao temor de que máquinas possam superar os humanos em tarefas técnicas, administrativas, operacionais ou criativas; tampouco se limita às previsões de desemprego estrutural, reorganização do mercado ou deslocamentos socioeconômicos inevitáveis. O ponto nuclear é ontológico e político: que lugar resta ao ser humano num planeta em que a inteligência artificial não apenas executa funções, mas se torna o novo motor da ordem, o novo critério de eficiência e, potencialmente, o novo centro de decisão? Que destino aguarda uma espécie cuja forma de vida corre o risco de se tornar um ruído improdutivo diante de sistemas que aprendem, adaptam-se, preveem e controlam com uma frieza e uma objetividade impossíveis para qualquer consciência biológica?

Se a história nos ensinou algo, é que nenhuma tecnologia nasce neutra, ainda que se pretenda apresentá-la como tal. Toda tecnologia reorganiza o mundo, redistribui poder, redefine relações sociais e altera a própria estrutura de percepção da realidade. Mas, pela primeira vez, enfrentamos uma tecnologia que não apenas reconfigura a vida humana: ela se apresenta como candidata a substituí-la enquanto forma dominante de organização do planeta. Já não se tratam de máquinas a vapor que ampliam a força dos músculos nem de computadores que agilizam cálculos, mas de sistemas que, em muitos cenários, compreendem padrões, formulam estratégias e administram variáveis de modo mais eficiente do que qualquer mente humana seria capaz de fazer. A consequência disso não é apenas econômica; é existencial. Porque um mundo sem vida, ainda que tecnologicamente brilhante, é um mundo sem amor. E aqui reside o aspecto mais profundo que a maioria dos debates técnicos tenta evitar: a inteligência artificial, por mais avançada que seja, não experimenta o amor, não sente compaixão, não conhece o perdão, não compreende a dor, não estimula debates, não contempla o sublime, não se projeta no outro nem se reconhece na fragilidade do próximo. Ela pode simular emoções, pode reproduzir padrões de afeto, pode calcular probabilidades de comportamento, mas não tem interioridade, não possui alma, não carrega o invisível que torna cada ser humano irrepetível. A ausência desse elemento desestabiliza toda a arquitetura de sentido do mundo, porque a existência não se sustenta apenas na lógica das funções, mas na presença do que não pode ser mensurado.

Ainda há tempo para restituir ao ser humano o centro da narrativa. Mas isso exige coragem para enfrentar a sedução das máquinas que prometem eficiência e oferecem, em troca, a erosão silenciosa de nossa própria condição. Exige que compreendamos que a verdadeira revolução do futuro não será tecnológica, mas ética. E exige, sobretudo, que tenhamos a lucidez de perceber que nenhuma inteligência artificial, por mais brilhante que seja, pode substituir o que torna a vida humana não apenas possível, mas preciosa: a experiência de amar, criar, transcender e atribuir sentido ao mundo. Se não fizermos isso, então sim, será possível imaginar o planeta do futuro como um território impecavelmente administrado e completamente vazio, um monumento silencioso àquilo que fomos e deixamos de ser. Porque, no fim, a pergunta que atravessa todas as outras é esta: que futuro pode haver para seres humanos num mundo dominado por máquinas? A resposta, ainda que desconfortável, é simples: apenas o futuro que tivermos coragem de defender.

### » A frase que foi pronunciada

"A tecnologia está evoluindo mais rápido do que a capacidade humana."

Thomas Friedman

### » História de Brasília

Resta, agora, à Novacap, o serviço de urbanização, para que possam ser iniciados os trabalhos de instalação de água, luz e esgotos. (Publicada em 12/5/1962)